
Psicanálise e Semiótica: situação em 2020¹

Waldir Bevidas²

Resumo: Descrevo neste texto como se apresenta atualmente, a meu ver, a situação de interface entre a psicanálise de S. Freud e de J. Lacan e a semiótica europeia de A. J. Greimas. Centro a atenção em como a interface teve inícios, nos anos 1960, em decorrência da abertura da psicanálise, por Lacan, para o campo estruturalista da linguística de F. de Saussure, nos anos 1950. Registro alguns tópicos desenvolvidos na interface: (i) a questão do conceito de significante, por Lacan, com o intento de mais bem ajustá-lo frente ao sentido, significado, significação, efeitos de sentido; (ii) a questão do conceito de pulsão, na tentativa de melhor arranjo dos seus desdobramentos em patologias e nas paixões humanas, a desenhar um percurso gerativo da subjetividade inconsciente; (iii) o conceito freudiano de transferência, enfatizado por Lacan como sujeito-suposto-saber, e minha leitura dele, para ampliação de suas incidências, com o recurso da teoria semiótica das modalizações sintáticas do discurso. A finalidade geral do texto não é outra senão evitar que a interface esmoreça, pois que imperativa, quando o que está em jogo é o desafio do melhor conhecimento possível sobre os difíceis meandros por onde flui a subjetividade humana.

Palavras-Chave: psicanálise, semiótica, significante, pulsão, transferência.

¹ DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2020.167071>.

² Docente do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP), SP, Brasil. Endereço para correspondência: waldirbevidas@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4685-5357>.

Introdução

Cada vida humana é desenhada nos embates perante o ambiente em que cada sujeito viveu e vive ao longo dela. A vida acadêmica em nada difere. Constitui-se dos embates discursivos que se tem com a teoria de seu campo e de outros vários, com sua história, suas teses e hipóteses, não como se deram efetivamente, mas como foram lidas e interpretadas pelos pesquisadores que dialogam, que debatem, criticam-se, entre buscas planejadas e acasos encontrados. Assim, curvado a essa evidência, faço eu, perante a interface da semiótica com a psicanálise, tema deste número de revista, ao narrar meus estudos, meus embates, resultados colhidos e expectativas sobre o porvir, tema deste artigo. Vai aqui então uma pequena narrativa local sobre como interpretei essa interface desde a formação doutoral, pelos idos anos 80 do século vencido, e como vejo atualmente o cenário de interface.

O propósito, desde o início, foi o de *convocar* ambas as disciplinas a um diálogo edificante, nos moldes do que J. Lacan tentara fazê-lo – a seu estilo – entre psicanálise e linguística, e por duas décadas de seu ensino. A intenção se mantém aqui, a meio século de distância, e de superposição multifacetária de produções discursivas em ambas as disciplinas que, como em quaisquer outros campos do saber humano, continuam a se multiplicar. Ter sido dos primeiros pesquisadores brasileiros a tentar a aventura, ou o risco, de uma primeira aproximação, com a longevidade de quarenta anos, me conforta o sentimento da legitimidade mínima para reler passos e contextos dessa tentativa, avanços e recuos, obstáculos que se antepuseram e interpuseram em ambas as faces do diálogo, para alimentar, ao lado de outros pesquisadores que laboram na interface, um balanço de como se desenha nos dias atuais. Tudo movido pela forte esperança de que tal interface não se esvaneça em ponto de não retorno.

2. Fundamentos teóricos

O título deste artigo tem a proposital intenção de reverberar, recuperar o mérito de Jacques Lacan, e mesmo homenageá-lo pelo esforço notável, em meados do século passado, de convocar a psicanálise freudiana de então a um esforço de *desterritorialização* e de abertura de suas fronteiras para a antropologia, filosofia e sobretudo para a linguística que se sobressaía à época. Manifesto quase virulento, o texto de Lacan que inspira o título deste artigo assim se apresentou: “A situação da Psicanálise e a formação do psicanalista em 1956” (Lacan, 1966, p. 459-491).

O texto, publicado em seus *Escritos*, vem precedido de outro “Variantes da cura tipo” (Lacan, 1966, p. 323-362), tão enérgico quanto o posterior, a prenunciar o destino carismático de seu autor, protagonista de uma corrente psicanalítica que talvez impere no mundo psicanalítico dos dias de hoje. Nesse

texto, para recuperar sucintamente aqui a gravidade das denúncias ali formuladas, Lacan se bate contra a fragilidade teórica e a standardização da técnica analítica. Tem o propósito de “interrogar a cura em seu fundamento científico”. Utiliza-se como quadro referencial as comunicações do Congresso da Associação Psicanalítica Internacional [1954, em Londres]. Constata aí grande “dispersão” tanto na “coordenação dos conceitos quanto na sua compreensão”, levando os conceitos freudianos a redundar em “sincretismos de pura ficção”, apesar de “fornada de conhecimentos psicanalíticos”. Os conceitos freudianos, graças a sua “consistência”, resistem a ser adulterados, frente à “fraqueza da invenção” desses estudos. É nesse contexto que Lacan pleiteia uma “formalização teórica”, para que uma cura possa alcançar o “estatuto de analítica” (cf. Lacan, 1966, p. 323-62).

Com o mesmo tom e energia, no texto sobre a “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956” (Lacan, 1966, p. 459-491), o autor retoma a mesma inflexão do anterior. Acrescenta-lhe um tanto mais de virulência, certamente fundada na matéria, motivado pela “violência” da inovação conceptual que pretendia – (cf. uma pequena inserção em seus *Escritos* – “Sobre uma intenção” (*D’un dessein*), 1966, p. 363) – e que pedia ao grito a voz para se impor, embora também talvez movido pelo ressentimento da primeira cisão de Escola, que pedia à ironia o remédio para se suportar. Eis os requisitos de uma “formação válida” frente à “formação dada”: uma psicanálise concatenada em conceitos, jamais em preceitos. A literatura que vê é desencorajante, incapaz de propor algum conceito novo. Toma conceitos freudianos, segundo ele, poderosamente articulados, por intuições imediatas, sem rigor conceitual, matizados metaforicamente: afeto, atitude, descarga, necessidade de amor, armadura do caráter, vivência, agressividade latente, ferrolho da defesa. Tudo não passa, segundo o denunciante, de “metáforas do compacto”, baseadas numa “exigência inédita: a do inarticulado” (Lacan, 1966, p. 459-63).

Mas é o segundo tópico do seu tema – a formação do analista – que nos deve chamar particularmente a atenção. Nota na situação da psicanálise em 1956 uma “curiosa posição de extraterritorialidade científica” no ensino, o “tom de magistério” com que a disciplina é conduzida, alheia ao interesse que ela suscita nos domínios vizinhos. Matizado por um isolamento teórico e metodológico, o ensino se apresenta “estacionário”, muito aquém da “enorme quantidade de experiência” que passa pelas mãos dos psicanalistas. Vê nesse ensino “fenômenos de esterilização”, decorrentes da “identificação imaginária” (analista/ neoanalista), em nada a favorecer o motor e o “princípio de todo progresso científico”: a discussão. Uma “comunhão de grupo” se erige às expensas de uma “comunicação articulada”. O enérgico freudiano alarma-se diante do processo de “desintelectualização”, adverte sobre o que entende ser a “política de

silêncio tenaz”, de “assentimentos conformistas”, aí vigente, tudo a redundar num “terror conformista” (Lacan, 1966, p. 477-91). Situação desconfortante:

Extraordinária cacofonia que constituem atualmente os discursos de surdos que se trocam no interior de uma mesma instituição os grupos, e no interior dos grupos os indivíduos, que não se entendem entre si sobre o sentido de um só dos termos que aplicam religiosamente tanto à comunicação como à direção de sua experiência. (Lacan, 1966, p. 458)

É nesse contexto do ensino psicanalítico vigente que Lacan decide fundar um “estilo” como a via de “todo retorno a Freud que dê motivo a um ensino digno desse nome” (Lacan, 1966, p. 458).

Ora, se minha interpretação não fica vitimada, nessas poucas linhas, por tentar desesperadamente sintetizar as mais de 70 páginas de suas denúncias, algo pode ser extraído. Penso poder deduzir que seu estilo teria vindo para criar uma *outra linguagem* pela qual operar os conceitos psicanalíticos, para reparar a dispersão, a falta de coordenação nos conceitos, os sincretismos e metáforas compactas denunciadas. A nova linguagem ou o novo estilo viria para substituir o discurso inarticulado, o ensino estacionário, a literatura desencorajante. Melhor que isso, embutida na nova linguagem surgia a vocação metodológica, a comunicação articulada, a recusa da comunhão de grupo, imaginária, politizada no silêncio tenaz ou no terror conformista. Ainda melhor, o novo estilo rebateria a fragilidade teórica, ou a desintelectualização, pela *formalização teórica*; venceria os fenômenos de esterilização pelo rigor conceptual; abandonaria o isolamento metodológico ou a extraterritorialidade científica pelo diálogo que se abriria à pesquisa linguística, antropológica, filosófica; tudo enfim para afastar o assentimento conformista e a cacofonia generalizada.

Pergunta delicada a se fazer desde aqui: terá o ensino de Lacan, no estilo “gongórico” da sua psicanálise – expressão que não rejeitava – terá ele levado a cabo tal proeza metodológica, nos institutos psicanalíticos da atualidade, decorridos mais de 60 anos das denúncias enérgicas e das proposições lúcidas, vistas acima? O que posso responder, por minha parte, está contido em todas as pesquisas que pude efetuar na região da interface³. E todas elas tentaram, a meu custo e risco, atender a convocação lacaniana de uma abertura da psicanálise à teoria semiótica nos moldes em que ele procurou efetivar tal abertura de sua psicanálise para a linguística de seu tempo.

E o presente texto visa a elencar alguns temas relevantes dessa tentativa, dados que ocuparão o espaço dos próximos itens, temas que julguei imperativos

³ A maior parte dessas pesquisas está publicada em livros e artigos em revistas, tal como registrado na lista de referências bibliográficas sob meu nome. O tema do estilo de Lacan, com Lacan e após Lacan, bem como o tema da formação do psicanalista, foi mais extensamente trabalhado em quatro capítulos de minha tese de doutorado em 1992 (cf. Bevidas, 2000, p. 191-281).

para uma certa correção de rumos ou de ajustes conceptuais da psicanálise lacaniana face a conceitos e métodos criados pela teoria semiótica que fez evoluir a partir da linguística saussuriana dos anos 1950, referência quase exclusiva sobre a linguagem que esteve ao alcance do psicanalista-mor do campo. São eles os temas: a questão do significante, da pulsão e da transferência⁴. Antes, porém, algumas notas sobre os começos.

3. O mau começo da interface

Observada a coisa à distância, tudo parece indicar que Greimas já pressentia, à origem, e com certo pessimismo, as dificuldades de efetiva colaboração entre semiótica e psicanálise. Na proposição de abertura à constituição de uma “psicosemiótica”, entendia que ambas as disciplinas possuíam “certezas epistemológicas e metodológicas” que, quando muito, só lhes permitiam apoderar-se do domínio vizinho e integrar ao seu, parcial ou totalmente, mas sem efetiva colaboração. Considerava a psicanálise como um “saber totalizante” capaz de absorver quaisquer dados e problemáticas que encontra em seu caminho: “ela não cede em nada, nesse domínio” (Greimas; Courtès, 1979, p. 302); e admitia também, com franqueza, que a essa impermeabilidade a semiótica devolvia igual moeda: dispensava igualmente conselhos vindos do outro lado, “segura de seu ‘anti-psicologismo’, que herdou de Saussure” (p. 302).

Greimas já havia manifestado suas reservas perante a psicanálise desde sua obra fundadora, *Sémantique structurale* (1966). Suas posições foram desde o início pouco estimulantes, diria mesmo derrotantes. Nessa obra reprovava certo caráter indutivo dos modelos mitológicos (Édipo, Narciso...) da psicanálise freudiana. Suspeitava que, corretas em si, as descobertas psicanalíticas estavam sendo formuladas em linguagem poética e ambígua, movida por excessivo “encantamento diante da ambiguidade dos símbolos”, risco de resvalar na “hipóstase dessa ambiguidade considerada como conceito explicativo” (Greimas, 1966, p. 58, p. 191). A oposição consciente/inconsciente, conceitos fundamentais em psicanálise, era sem manejo nas estruturas da linguagem, embora admitisse que as formulações energéticas, pulsionais, da psicanálise freudiana se assentavam em grande parte na busca de um modelo actancial que desse conta do comportamento humano. A entrada tímida do linguista, profano, num domínio “um tanto sacralizado” fez com que Greimas (1966, p. 186-91) parasse às portas de uma interlocução. Um mau começo, pois⁵.

⁴ Claro está que tais dados referem-se ao que foi feito, não ao que, em muito maior escala, deva ainda ser colocado na mesa de trabalho.

⁵ Olhado o reverso da moeda, também o campo psicanalítico recebeu com desconfianças a visita da vizinha linguística. Como o tema é mais denso, remeto o leitor ao que pude escrever, em parceria com Marcos Lopes, em artigo da revista *Pulsional*, sob o título “Psicanálise e linguística: uma relação mal começada” (2004, p. 28-42) e retomada como capítulo de livro (Bevidas, 2014, p. 113-134).

A esse mau começo, metodológico e epistemológico, da impermeabilidade à psicanálise é bem possível ter-se juntado o lado psíquico da coisa. Lucien Sebag, promissor aluno de Lévi-Strauss que ensaiava sob a orientação de Greimas um trabalho de interface entre antropologia, semiótica e psicanálise, não obstante desde há alguns anos em análise no divã de Lacan, suicida-se em inícios de 1965. Não importa propriamente aqui em que contexto e sob que motivações se dera a tragédia. Greimas assim se expressa em entrevista a François Dosse, pouco antes de sua própria morte: “Lucien Sebag se suicidou e eu não perdoei a Lacan por isso” (Dosse, 1991, p. 262). Terão sido essas também as razões pelas quais, trinta anos vividos por ambos, quase se acotovelando no ambiente estruturalista de então, Lacan jamais mencionou sequer o nome de Greimas em todo seu ensino e escritos? Eis pesos e fluxos subjetivos da vida crua e dura que parecem comandar os destinos das teorias e que nos cumpre ter em mente para qualquer tentativa de interface.

4. Significante e sentido

O polo do significante do signo de Saussure sempre foi central e exuberante na psicanálise lacaniana. O polo do significado sempre sofreu inúmeras reservas, desconfianças e, por vezes, rejeições denegatórias, barra de separação, às vezes mesmo de exclusão um tanto fóbica do campo (cf. logo adiante). Misturadas as acepções de significado, significação, sentido, efeitos de sentido, e mesmo conteúdo e referente, esse polo do signo saussuriano nunca a meu ver recebeu em psicanálise tratamento de justo equilíbrio frente a seu parceiro. À época de Lacan, tais restrições se justificavam, em parte, dado que seu ensino iniciou-se com forte vocação à cientificidade – não como subserviência ao cientismo, mas como tentativa de forçar uma epistemologia que *incluísse* a psicanálise, os meandros do desejo, na construção da própria ciência. Segundo suas próprias palavras tratava-se para ele da questão que constituiria seu *projeto radical*: “aquele que vai de: é a psicanálise uma ciência? a: o que é uma ciência que inclua a psicanálise?” (Lacan, 1984, p. 8).

Nessa vocação, o significante representava o formalizável, o articulável, sinônimo de estrutura, um *pleonasma*, dizia Lacan (1985b, p. 9), “necessário para me fazer compreender, já que linguagem é estrutura”. O polo do significado, por sua vez, representava à época um nebuloso aglomerado semântico, confuso, difuso, de hermenêuticas vindas da psicologia, da retórica, da sociologia, da filosofia, enfim inteiramente desestruturado, sujeito a verborragias e idiossincrasias sem controle, a bel prazer de cada um.

Ora, tais restrições não se justificam mais. Melhor, já não se justificavam desde então se levarmos em conta que no mesmo ano de 1957 em que Lacan pronunciava seu famoso texto de teorização primeira da primazia do significante por sobre um significado *barrado* – “A instância da letra no inconsciente ou a

razão desde Freud” (Lacan, 1966, p. 493-538) –, L. Hjelmslev, linguista dinamarquês, saussuriano por excelência, pronunciava um vigoroso texto pleiteando a primazia da estruturação do significado: “Por uma semântica estrutural” (1971, p. 105-21). O que me coube desde as pesquisas doutorais foi então tentar uma compatibilização do significante lacaniano com a dupla forma da linguagem por Hjelmslev: a *forma da expressão* (significante), que mantém uma união solidária com a *forma do conteúdo* (significado), união solidária, ou *função semiótica*, para Hjelmslev. Com isso estavam dadas duas articulações, igualmente *estruturáveis*, na natureza da linguagem, para os dois planos do signo saussuriano. Não mais havia necessidade de sobrepesar o significante para extrair uma estrutura de linguagem, pela qual o inconsciente também se mobiliza, a seu modo e estruturações.

É fato que Lacan não conheceu a teoria de Hjelmslev. Basta percorrer os seus textos, escritos ou orais, para notar que cabe em uma mão a citação do nome e algum resquício longínquo da teoria, sem nenhum engajamento. Sua referência básica foi, do início ao fim, Saussure e Jakobson, não obstante nenhum deles minorassem o papel que cabe ao significado na estrutura da linguagem.

Com efeito, em Saussure, a união significado & significante é indelével para a constituição do signo: um polo só se define por relação ao outro. Caso contrário, num polo exclusivo do significado, sem significante, não se escapa de uma *nebulosa amorfa* de pensamento, em que nada se distingue. Igualmente, no polo exclusivo de um significante, supostamente sem significado, cai-se em algum abracadabra sem função. É por isso que *cavalo* é um signo, mas não *calova, *vacalo, *valoca, *lovaca, e outras tantas combinações possíveis dos mesmos sons. E essa pequena bricolagem pode ser feita com qualquer signo de qualquer língua. Noutros termos, tais supostos ‘significantes’, sem significado, não têm estatuto algum na língua, ou seja, *não são significantes*. É o significado, um significado, múltiplos significados, que dão estatuto de significante, isto é, de *fonemas* a uma porção de sons encadeados sob estritas leis para a formação dos signos. Desconhecer isso é desconhecer a alma da estrutura da língua, é permanecer em círculos de piruetas, sem qualquer esteio estrutural na língua⁶.

Por sua vez, em Jakobson, nada de diferente ocorre com esse notável linguista, criador da fonologia moderna, isto é, justamente, teoria da estruturação do significante. Em que pese a influência e solidariedade teórica a seu amigo Jakobson, quando Lacan punha em cena exemplos para exercitar as articulações

⁶ É através de piruetas contraditórias que vi o discípulo-mor de Lacan, Jacques Alain Miller, propagar a tese de um “fora-sentido” (*hors-sens*) a ser propalada, aos quatro cantos, não apenas à clínica mas até mesmo à *transmissão* da psicanálise, alegando estar autorizado a isso a partir de um “segundo ensino” de Lacan, a seu modo (cf. Miller, 2001, 2002, 2003). Tese foracluística, fui instado a escrever, contraditando-a energicamente, um artigo para a revista *Psicologia* (2004b) artigo posteriormente traduzido pelo saudoso Michel Arrivé para sua revista *Langage & Inconsciente* n. 2 (Bevidas, 2006a, p. 9-26) e inserida como primeiro capítulo do livro *Inconsciente & Sentido* (2014).

opositivas do vazio significante, balizadas na fonologia de Jakobson – por exemplo /dia vs noite/, /homem vs. mulher/, /guerra vs. paz/, entre muitos outros, eu diria mesmo, em *todos os seus exemplos de palavras e de frases* – pouca gente percebeu que ele, inadvertida ou sub-repticiamente, já deslizava para dentro do plano do significado. Se o psicanalista quisesse uma oposição pertinente do significante, a operação fonológica, estritamente *significante* para /dia/ e tecnicamente adequada a se fazer, seria opor /dia/ não a /noite/, mas a /pia/ /tia/ria/.../, isto é, exercícios de comutação entre fonemas, que põem entre parênteses o sentido dos termos usados, para apenas e tão somente provar a pertinência para a língua dos fonemas em foco, na estrutura do significante.

Noutros termos, Lacan parece não ter sido advertido da diferença, segundo Jakobson, de “importância capital entre uma oposição fonológica e uma oposição gramatical” [ou lexical, no caso dos exemplos acima, o que dá no mesmo] que o linguista esclarece: “no primeiro caso, os pares de contraditórios residem no lado perceptível da linguagem – *signans* (significante) – enquanto que no segundo elas se acham no lado inteligível – *signatum* (significado)” (Jakobson, 1973, p. 86). Os exemplos todos de Lacan induziam o lado *signatum* – embora dizendo-os do lado *signans*. Cabe aqui a advertência de Jakobson, embora dirigida aos distribucionalistas americanos, que excluía o significado de seus estudos: “não podemos mais por muito tempo ficar brincando de esconde-esconde com a significação” (Jakobson, 1973, p. 83)⁷.

Olhada a questão do significante e do significado numa perspectiva mais ampla, é fácil constatar que, para a psicanálise de Freud, desde o início, o sentido se impôs de modo cabal. Ou seja, não houve a questão. O sentido sempre se lhe apresentou como intrínseco a todo ato psíquico do sujeito. Ilustração exuberante disso se encontra logo no início de sua obra mais densa – a *Interpretação dos sonhos* – em cujas páginas iniciais ele até mesmo se desculpava perante o leitor pelos detalhismos em que mergulhava confortando-se na ideia de que nunca se pecaria por excesso ao atribuir aos sonhos um sentido, não importa se denegado, recalcado, furtivo, deslocado, sublimado. Assim nascia sua psicanálise para contestar o *non-sense* que os estudos fisiológicos de sua época determinavam a essa produção privilegiada – *via real*, dizia Freud – dos meandros do inconsciente. O sonho era um ato psíquico *dignus intrare* justamente porque apresentava uma gama imensa de significações. Se tinha a porta de entrada trancada, intrincada, quase hermética, era justo porque se manifestava sob a forma de um emaranhado “acúmulo de significações”, sobrepostas, condensadas, deslocadas, figuradas (Freud, 1973 [1900], p. 349, 406, 480).

⁷ Claro que, em Lacan, não se tratou de qualquer brincadeira, nem má fé. Chamei à sua tese, da primazia do significante, de *preterição do significado*, em argumentos que compuseram três capítulos de minha tese de doutorado (Bevidas, 2000, p. 303-356).

Mesmo no caso de Lacan, é curioso observar algumas formulações que ficaram, se não totalmente apagadas pelos seus discípulos, Miller na dianteira, certamente ensurdecidas com o pedal da surdina. Exemplo disso é a aula inaugural do Seminário 12 de Lacan – *Relações de Objeto*. O exemplo vem a propósito porque é justo numa aula em que o psicanalista reclama discretamente do fato de que muitos ali na sala, pelos rumores, ainda tinham dúvidas sobre seu conceito de significante. Lacan parece até mesmo um tanto decepcionado pelo fato de que quase dez anos depois do famoso texto *A instância da letra*, ainda se tinha dúvidas. Seleciono aqui dois trechos da aula:

A relação do sentido com o significante, eis o que acredito desde sempre essencial a manter no coração de nossa experiência, para que nosso discurso não se degrade (*Seminário Livro 12* de 1964-1965 – versão alternativa, p. 18; versão Staferla, p. 7; versão ALI, p. 342).

Por essa formulação os dois polos do signo ganham equidade relacional. Mas é a formulação que vem em seguida que merece maior atenção. Faço eu mesmo a tradução tentando preservar o matiz oral de um seminário:

Pois bem, é isso: no nível da barra se produz o efeito de sentido, e aquilo de onde parti hoje em meu exemplo [a famosa frase de Chomsky : *Colorless green ideas sleep furiously. Furiously sleep ideas green colorless*], é para vos mostrar como o efeito de significado – se não temos o referente desde o início – se desdobra em todos os sentidos, mas que o efeito de sentido é outra coisa. É de tal modo outra coisa, que a face que *ele oferece do lado do significado* é propriamente o que não é *unmeaning*, não significante, mas *meaningless*, que é a bem dizer o que se traduz – já que se trata do inglês – pela expressão “non sense”. E que só é possível bem marcar o que seja nossa experiência analítica ao ver o que é explorado: não o oceano, o mar infinito das significações, [mas] o que se passa em toda a dimensão em que ela nos revela essa barreira do *non-sense* – o que não quer dizer sem significação – o que é *a face de recusa que o sentido oferece do lado do significado* [versão Staferla, p. 9 – itálicos meus]⁸

Tomemos os dois trechos e, sobretudo, no segundo, a última parte: (i) o coração da experiência analítica é preservar a relação essencial entre significante e significado, caso contrário tudo se degrada; (ii) os efeitos de sentido a serem marcados na pontuação analítica não equivalem ao oceano de conotações, de significações múltiplas provindas sabe-se lá de onde, mas a *face recusada* que o sentido oferece – notemos bem – *no plano do significado*. Em meu

⁸ Intrigou-me o fato de que a transcrição original, estenografada, da sessão tenha registrado como *significante* o último termo desse trecho. Foi corrigido em todas as versões, mesmo a de J. A. Miller, pois ficaria totalmente incongruente com o raciocínio levado anteriormente.

entendimento, esses trechos são a porta de entrada para a melhor saída na questão entre significante e significado.

Mesmo admitindo minha solidariedade para com a turba que não conseguia entender direito o conceito lacaniano de significante; mesmo admitindo que Lacan não teve para com o polo do significado a mesma pujança de conceptualização e articulação que concedeu ao significante, mesmo assim, com essas formulações um equilíbrio legítimo e heurístico dos dois planos é possível de se estabelecer em psicanálise.

No que pude colaborar, para essa direção, em meu estudo doutoral, propus dar o nome de *isotopia do desejo* à “face recusada” (sob múltiplas formas, denegações, forclusões, desmentidos, deslocamentos, sublimações) e *isotopia falaz* ou *anedótica* para o oceano infinito de significações (sob a forma das repetições, das queixas da vida cotidiana, enfim do “blá-blá-blá” que a microhistória familiar, profissional, sentimental, enfim a falação que o paciente apresenta ao analista). E os atos falhos, tanto no nível dos fonemas, das palavras, da sintaxe, não importa, nas equivocações, esquecimentos, nos neologismos abruptos, seriam justamente os *conectores de isotopias* a propiciar o trânsito truncado entre o anedotário da vida, sintomal, e o desejo recôndito, pulsional, de cada sujeito⁹. O discurso assim concebido contemplaria integralmente a concepção de Lacan, quando se serve da metáfora do pentagrama, como fala vazada nas “várias linhas de uma partitura” (1966, p. 503): uma “polifonia” de vozes, menos sinfonia do que cacofonia, dentro da qual a voz do desejo se encontra recusada, *do lado do significado*.

5. As pulsões, seus destinos, e as paixões humanas: um mesmo universo tímico

A sabida tese do inconsciente estruturado como linguagem, ou da linguagem como condição do inconsciente, em Lacan, só pode ser mantida se tivermos êxito em integrar nela algo proveniente do fundo do corpo, algo incômodo, confessado como “mítico” pelo seu propositor, Freud: a pulsão. Ao se dispor a formular a teoria das pulsões, no texto metapsicológico de 1915, Freud reconheceu que se deparava com um daqueles conceitos fundamentais, mas não claramente definidos, espécie de ônus de todas as ciências em seus começos. A pulsão se lhe mostrava como “algo obscuro” e, no entanto, algo que a psicanálise não poderia contornar. Inclui-se entre os conceitos para os quais é “impossível falar de uma clara delimitação do seu conteúdo”, mas era imperativo investigar

⁹ Isotopia é conceito proposto por Greimas para situar um conjunto de efeitos de sentido (semas) que desenham um fio de continuidade de sentido ao longo da cadeia dos discursos. De modo que todo discurso é polisotópico em maior ou menor grau (1966, p. 69-101). Em minha tese de doutorado, dediquei um capítulo para argumentar e justificar a proposição das isotopias mencionadas (Bevidas, 2000, p. 347-356).

“sua significação, trazendo-lhe conteúdo de diversos setores” (1973 [1915], p. 2039-40).

A dificuldade de conceptualização das pulsões advém do seu estatuto ôntico frágil, porque situada num limiar estreito, entre o orgânico e o psíquico, ser híbrido, cabeça de Jânus, face voltada ao instintual de estatuto etológico, mas que se recusa a ser redutível a só isso, face voltada ao simbólico ou à linguagem – Freud dizia: ao psíquico – mas difícil de se extrair em seu estatuto semiótico. Teorizar a pulsão forçando-a para um lado ou para o outro, ou a fará retroceder ao biológico da matéria simples e estúpida, de uma carne, sem sentido, ou a fará adentrar o simbólico da mente humana, complexa e inteligente, de uma vida em linguagem, plena de sentido. É esta última vertente que me parece ter sido trilhada pela psicanálise do vienense, e sobretudo por Lacan. E nessa vertente, é possível tentar estabelecer, por hipótese e conjugando teorizações da psicanálise com teorizações da semiótica, um percurso gerativo da subjetividade (inconsciente)¹⁰. Permito-me reproduzir um esquema inicial, já publicado, que ainda me parece ilustrar bem o percurso (cf. Figura 1):

Figura 1: Percurso gerativo da subjetividade (inconsciente)

Regime pulsional		Regime patológico		Regime passional	
[Conversão1]		[Conversão 2]			
Vida	Denegação	Narcisismo	Identificação	Cólera	
Morte	Foraclusão	Neurose	Idealização	Desespero	
Libido	Recalcamento	Psicose	Transferência	Indiferença	
Conservação	Sublimação	Obsessão	...	Gratidão	
...	...	Histeria		Avareza	
		Melancolia		Inveja	
		

Fonte: Bevidas, 2016, p. 14

Para tal hipótese, tomemos como ponto de partida o que Freud fez, como pôde, e no que lhe cabia fazer em seu contexto médico, para construir um *regime pulsional*, para o corpo. Nesse regime se acotovelam pulsões de vida, de morte, de conservação, num emaranhado jogo intrincado de modalidades de presença e de pressão por sobre esse corpo, jogo a receber ainda, no meu entender, e salvo desconhecimento de literatura específica, melhor arranjo desde então.

Tal regime pulsional, dotado de puras forças, energias, direções ou vetores, de semantismo frágil, de fraca *representação*, termo freudiano, não tem outro *destino*, termo também freudiano, senão o de converter-se num *regime patológico*, instância das estruturas patológicas, que o médico vienense estipulou

¹⁰ Apresento aqui sinteticamente esse percurso gerativo, ainda em construção, mesmo se já proposto, como esboço, em alguns textos anteriores (Bevidas, 2000, 2004a, 2006b, 2016).

como histeria, neurose, psicose, perversão, melancolia. Os mecanismos intervenientes e fortemente atuantes nessa conversão patológica – *recalcamento, denegação, recusa ou forclusão, sublimação* (entre outros) – Lacan não se cansou de indicá-los como estruturas de linguagem. E à semiótica não causaria nenhum estranhamento procurar descrevê-los enquanto estruturas de discurso fortemente matizadas por suas modulações tensivas e modalizações sintáticas¹¹.

O regime *patológico*, sem qualquer conotação de acerba morbidez, seria traduzido como *resultante* do regime pulsional, numa espécie de *caminho obrigatório*, a designar o *pathos* de fundo da subjetividade humana. A depender do enquadre que o sujeito faz de seu objeto (de desejo), e da pressão modal dos mecanismos indicados, frente às pulsões, o sujeito *decide* sua estrutura patêmica, ou *escolhe* sua neurose, expressão igualmente de Freud. Trata-se de uma *relação de objeto*, de um sujeito pulsional com seu objeto (libidinal, de desejo). Aqui, a semiótica poderia proporcionar à psicanálise uma exploração modal mais acentuada do algoritmo lacaniano ($\$ \langle \rangle a$)¹².

A maneira pela qual a hipótese propôs tal percurso gerativo para a subjetividade inconsciente do sujeito me levou a sugerir uma segunda conversão: as estruturas patológicas, derivadas do regime pulsional na primeira conversão, sofreriam uma nova conversão, desta feita, em estruturas ou configurações passionais, compondo um terceiro regime: um *regime passional*. Os mecanismos intervenientes nessa nova conversão, também a serem pensados e conceituados como estruturas modalizadas de discurso, seriam basicamente os da *identificação*, da *idealização*, da *transferência*, conceitos de máxima relevância na psicanálise de Freud, e energeticamente trabalhados na psicanálise de Lacan. Trata-se da entrada do sujeito na *relação intersubjetiva*, com o outro e com o Outro, na terminologia do psicanalista francês.

É preciso esclarecer que a justificação e descrição exaustiva dos mecanismos na segunda conversão, bem como aqueles da primeira, sua estruturação modal complexa, constitui a matéria mais densa e longa de ser efetuada no âmbito de uma interface entre psicanálise e semiótica. Na verdade, trata-se do desafio maior da pesquisa como um todo: integrar o universo das paixões humanas como derivadas e submetidas às patologias, por sua vez,

¹¹ Uma primeira leitura modal e semiótica dos famosos conceitos freudianos – *Verwerfung, Verdrängung, Verneinung, Verleugnung* – foi feita por Lina Carvalho Schlachter, cujo mestrado, defendido em 2005, esteve sob minha orientação (Schlachter; Beividas, 2010, p. 207-227).

¹² Em minha tese de doutorado (Beividas, 2000, p. 357-372) procurei comparar e aproximar o famoso losango lacaniano com a estrutura de segunda geração do quadrado semiótico de Greimas, visto que, dessa maneira, ele poderia recobrir, com mais propriedade, as possíveis e quase ilimitadas relações modais (QUERER/DEVER/PODER/SABER-FAZER), intermodais (suas conexões) e sobremodais (CRER) do sujeito com seu objeto (de desejo), losango que Lacan havia sugerido como feito para "permitir duas mil leituras diferentes", multiplicidade admissível, dizia ele, justamente porque deveria prever os modos das relações que determinam para cada sujeito a "álgebra" em que está preso (Lacan, 1966, p. 816).

advindas dos embates subjetivos com as pulsões. Basta para isso reconhecer que a psicanálise freudiana não tratou das paixões humanas como centralidade de suas proposições. E em Lacan poucas delas receberam uma atenção mais detida, a angústia se destacando como exceção. Por sua vez, a semiótica construiu interna e fartamente um regime passional, no debate com proposições filosóficas sobre as paixões, quase sem nada dialogar com as proposições psicanalíticas (cf. Greimas; Fontanille, 1991; Fontanille; Zilberberg, 1998).

Na proposta aqui em foco, as paixões humanas, isto é, fundamentalmente relações *intersubjetivas*, seriam, pois, concebidas como derivados de segundo grau das pulsões, pelo viés das patologias. Pulsões e paixões, assim como as patologias, participariam de um único e mesmo universo psíquico, ou *tímico* como se prefere em semiótica. Não seriam mais considerados como três campos distintos, heterogênea e atomizadamente pensados nas reflexões e analisados nas pesquisas, como até hoje vejo em ambas as teorias aqui convocadas ao teste de interface conceptual e metodológica. Como espero ser visto pela proposta, haveria assim a chance de *semiotizar* as pulsões, seus destinos patológicos e suas decorrências passionais, qual seja conceptualizá-las efetivamente como estruturas de linguagem ou de discurso, e superar de vez hesitações que abram o flanco a que, sobretudo, o regime pulsional, seja abandonado ao risco cada vez mais visível de sua neurobiologização na atualidade das pesquisas.

6. A transferência e suas modalizações epistêmicas

Para um registro breve da região de interface entre psicanálise e semiótica, no tocante ao importante conceito de transferência, retomo aqui alguns poucos dados do que pude refletir mais extensamente e apresentar ao campo psicanalítico, em congressos e eventos, ao longo de uma quinzena de anos de atuação num programa de pós-graduação em Teoria Psicanalítica, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (cf. Beividas, 1999a, 1999b, 2002, 2014).

Parto, para esse registro, do entendimento de que, em Freud, pioneiro da sua conceptualização no campo, o fenômeno da transferência se lhe apresentou no que pude nomear como de uma *transposição tímica* (de *thymós*, termo que a semiótica recuperou da língua grega para caracterizar toda uma dimensão *afetiva* dos discursos). Com efeito, ao desbravar a floresta intrincada do fenômeno da transferência, o vienense a situa como envolta num matiz de sentimentos contraditórios, antagônicos, como “vinculaciones emocionales tanto afectuosas como hostiles” (Freud, 1973 [1926], p. 2908), como “intensa relación sentimental del paciente” a qual percorria um tortuoso caminho, “desde el enamoramiento más apasionado y sensual hasta la rebelión y el ódio más extremo” (Freud, 1973 [1924], p. 2781).

Por sua vez, nessa transposição tímica, de sentimentos extremados, Freud nota também a situação paradoxal que desempenha no andamento do tratamento: a transferência se lhe apresenta como o “verdadero motor de la labor analítica”, mas também como “instrumento principal de la resistencia” (Freud, 1973 [1924], p. 2781); aparece como “la palanca más poderosa de êxito”, mas com o grave inconveniente de transformar-se “en el arma más fuerte de la resistencia” (Freud, 1973 [1912], p. 1649); trata-se de uma verdadeira “lucha entre el médico y el paciente, entre el intelecto y el instinto, entre el conocimiento y la acción”. Mesmo assim, nessa disposição contraditória, a transferência traz, como compensação, um “inestimable servicio”, justamente aquele de “hacer actuales y manifestos los impulsos eróticos ocultos y olvidados de los enfermos”, isto é, o de trazer concretamente o inimigo para a arena da clínica, já que, em suma, “nadie puede ser vencido *in absentia* o *in effigie*” (Freud, 1973 [1912], p. 1653).

A essa dimensão da transferência, como *transposição de afetos*, e irradiações sentimentais entre paciente e analista, Lacan veio acrescentar outra dimensão sua, a de *suposição de saber*. Assim cria um conceito que ficou famoso e imperante em seu ensino e no de seus seguidores: o *sujeito-suposto-saber*. Espécie de pivô, é “de onde se articula *tudo* o que concerne à transferência”, ela própria alçada a um *in principio erat* da psicanálise. Para o mestre francês “a transferência é impensável, a não ser partindo-se do sujeito-suposto-saber” (Lacan, 1985a, p. 239).

Embora corram circuitos de entendimentos, em muitos psicanalistas e em muitos institutos psicanalíticos, de que a transferência é um fenômeno que ocorre exclusivamente ou precipuamente no âmbito das quatro paredes de uma sessão analítica, como produto genuíno aí gerado, isso não encontra respaldo em Freud (1973 [1924], p. 1781)¹³:

No debe creerse que el análisis crea la transferencia y que ésta sólo aparece en él. Por el contrario, el análisis se limita a revelar la transferencia y a aislarla. Trátase de un fenómeno generalmente humano que decide el éxito de toda influencia médica, y domina, en general, las relaciones de una persona con las que le rodean.

Querer socorrer-se de Lacan para reduzi-la à clínica também de nada adianta:

Mesmo se devemos considerar a transferência como um produto da situação analítica, podemos dizer que *esta situação não poderia criar o fenômeno todo*, e que, para produzi-lo, *é preciso que haja, fora dela, possibilidades já presentes* às quais ela dará composição, talvez única. Isso não exclui de modo algum, onde não haja analista

¹³ Trecho mantido em espanhol, para evitar a tradução de uma tradução.

no horizonte, que ali possa haver, propriamente, efeitos de transferência *exatamente estruturáveis* como o jogo da transferência na análise. Simplesmente, a análise, ao descobri-los, permitirá lhes dar um *modelo experimental* que não será de modo algum forçosamente diferente do modelo que chamaremos *natural* [...] Tudo isso, além do mais, é apenas truísmo” (Lacan, 1985a, p. 120-1 – itálicos meus).

Como se vê, Lacan aprimora a extensão freudiana da transferência para o universo das relações humanas indicando-nos quatro preciosidades: (i) os fenômenos da transferência são *estruturáveis*; (ii) são passíveis de um *modelo experimental*; (iii) há um modelo *natural* da transferência a partir do qual a psicanálise pode depurar sua composição *talvez única*; (iv); por fim, tudo isso é tão evidente, *truísmo*, que fica difícil aceitar argumentos que veem o fenômeno da transferência como particularismo clínico.

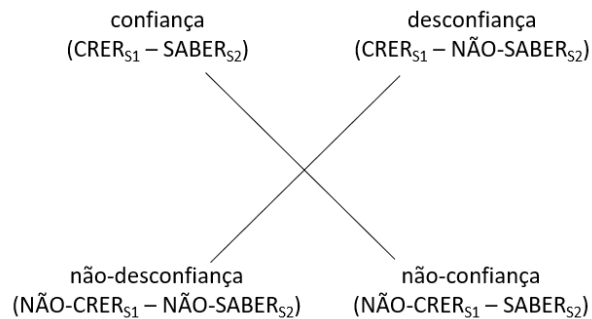
A literatura psicanalítica pós-lacaniana vem explorando há bom tempo inúmeras facetas do sujeito-suposto-saber de Lacan. Algumas formulações chegam mesmo a colocar nesse lugar o próprio inconsciente, a identificá-lo ao próprio inconsciente, dada a sua pregnância na clínica: o paciente sofre porque *não sabe*, o analista tem de assumir também que *não sabe*, mas o inconsciente *sabe*. Evito tal entendimento porque, assim colocado, ele se entifica, torna-se uma entidade transcendental, um actante Destinador, possuidor de um “saber” que não se tem como saber de onde provém, desde quando, nem até quando, nem por onde conseguiu a competente proeza. Torna-se assim mais um ente mítico, superior, do que um efeito de subjetividade que ficou tatuado num corpo, provindo das agruras de sua vida.

Então, rebaixado para uma região humana, terrena, é mais razoável entender o sujeito-suposto-saber de Lacan como a suposição que o paciente tem no saber do analista. Não importa que a suposição possa estar mal fundada, ser ilusória, equivocada ou não, mal colocada ou não – tudo isso será tarefa do manejo da clínica para fazer andar a análise. É o próprio Lacan que nos oferece esse cunho ilusório como até mesmo o “pacto principal” de uma entrada em análise:

De fato, esta ilusão que nos impele a buscar a realidade do sujeito para além do muro da linguagem é a mesma pela qual o sujeito crê que sua verdade já está dada em nós, que nós a conhecemos por antecipação, e é também por ela que está aberto à nossa intervenção objetivante. Sem dúvida, ele não tem, quanto a si, de responder por esse erro subjetivo que, confessado ou não no seu discurso, é imanente ao fato de que entrou em análise, e que concluiu nisso o pacto principal” (Lacan, 1966, p 308 – itálicos meus).

Nessa região terrena do sujeito-suposto-saber de Lacan, a teoria semiótica pode fazer avançar o conceito, sobretudo através do que propõe como *sintaxe modal* e *sobremodal* dos discursos. Traduzido nessa sintaxe, o sujeito-suposto-saber assim se apresentaria: $crer_{S_1}$ -saber $_{S_2}$, qual seja o paciente (como sujeito em análise S_1) crê que o analista (como sujeito da escuta S_2) sabe sobre seu infortúnio, seus sintomas, seu inconsciente, *confia-lhe* sua vida. Erro subjetivo, confessado ou não, para usar os termos de Lacan, nada impede, por outro lado, que o paciente possa principiar o pacto, segundo três outras posições modais num “quadrado semiótico” da modalidade epistêmica da *fidúcia* (crer-saber) (cf. Figura 2):

Figura 2: Modalizações epistêmicas da fidúcia



Fonte: Beividas, 2009, p. 179

Traduzidos na fala corriqueira de um paciente: creio que ele (analista) sabe; creio- que-não-sabe; não-creio-que-saiba; não-creio-que-não-saiba. São quatro posições subjetivas pelas quais o paciente pode principiar o pacto analítico.

Mas não esgotam as possibilidades subjetivas. A teoria semiótica desdobrou em quadratura também as sobremodalizações do crer por sobre o *poder*, o *dever* e o *querer*. De modo que o analisando pode supor, isto é, (i) crer que o analista *possa* lhe curar: crer-poder, nas quatro posições do quadrado semiótico; (ii) o paciente pode supor (crer) que o analista *deva* curá-lo: crer-dever nas quatro posições; (iii) o paciente pode supor (crer) que o analista *queira* curá-lo: crer-querer, nas quatro posições. E, como a transferência é via de mão dupla, tudo isso pode se passar invertido, como contratransferência: o analista supor um querer, dever, poder, saber no paciente, nas posições desdobráveis em quadratura. Isso quer dizer que o conceito de sujeito-suposto-saber de Lacan pode ser ampliado – sem pedir socorro à genialidade, apenas seguir a coerência de método – para as outras modalidades: um *sujeito-suposto-querer*, um *sujeito-suposto-dever*, um *sujeito-suposto-poder*. Haveria mil exemplos de situações concretas dessas posições, basta atentar para elas.

Por sua vez, tais modalizações e sobremodalizações podem se entrecruzar num jogo imenso de compatibilidades e incompatibilidades: querer-mas-não-saber; saber-mas-não-poder, dever-mas-não-poder, poder-mas-não-querer etc. (cf. Greimas, 2014, capítulo “Por uma teoria das modalidades”). Esse jogo permitirá distinguir quando a *confiança* (crer-ser) se exacerbará em *credulidade* (não-saber ou não-poder-não-crer), ou então se dissipará em *indiferença*, a *desconfiança* pode evoluir para a *incredulidade*, uma *expectativa* pode evoluir para a *decepção*, que poderá acarretar a *revolta*, o *ressentimento*, a *mágoa*, ou até mesmo o *ódio*. Aqui, abre-se também o leque das intensidades, que a semiótica trata como a *tensividade* tímica: mais e mais confiança, maior e maior a decepção, uma expectativa demasiadamente colocada pode levar a uma *frustração* tóxica e derivar para a *cólera* (cf. Greimas, 2014, capítulo “Sobre a cólera”).

Essas posições subjetivas ilustram que a transferência, tal como Lacan já antevia, é *estruturável*. São capazes de propiciar um *modelo experimental*, tal como ele se expressa em citação acima, criando condições para um modelo *natural* da transferência, a partir do qual a psicanálise estabelecerá as incidências específicas que se dão na sessão clínica. Mais que isso, é fácil notar que o jogo sintático das modalizações e sobremodalizações acabam por *produzir* os afetos e sentimentos que Freud apontava em sua conceptualização tímica da transferência. O que nos leva a criar vasos comunicantes entre as duas conceptualizações, a de Freud e a de Lacan, até hoje, no meu entender, tratadas como dois capítulos autônomos, sem conexões, até mesmo em competição completamente despropositada, em que uma, a de Freud, é colocada com desdém, como confusa, polimorfa, desordenada, confundida ora com a repetição, ora com a resistência, para com isso exaltar as excelências da outra, a de Lacan¹⁴.

À guisa de balanço

Admito a pequenez dos dados aqui arrolados brevemente face à imensidão de temas prementes a serem colocados numa mesa de reflexão, entre psicanálise e semiótica, em que a subjetividade humana está em jogo. Basta atentar para os embates do sujeito com a pressão de suas pulsões, com os sintomas de suas patologias, com os humores de suas paixões. Eles são dados na arena de uma situação clínica, específica, circunstanciados numa *fala* em que se tem de aquilatar os circuitos da sua *enunciação*, as sutis estratégias dessa fala (deslocamentos, condensações, atos falhos, equívocos, esquecimentos, repetições), temas discursivos com enormidade de consequências, sequer mencionados aqui.

¹⁴ Em Bevidas (2002, 2014), coloco-me frontal e energicamente contra o desdém de J. A. Miller (1984, p. 72-75), autor dos adjetivos acima, para com a transferência freudiana.

Mas se entendermos que a psicanálise de Freud-com-Lacan tem como “coração” de sua experiência a “relação do sentido com o significante”; que o inconsciente se deixa ver como algo *non-sense*, um efeito de sentido que se despista na “face de recusa que o sentido oferece do lado do significado” (conforme citações e reflexões acima); se entendermos, por sua vez, que a teoria semiótica não pretende outra coisa a não ser procurar incessantemente descrever todo tipo de estruturação dos discursos, da sua enunciação, que põem em cena infinitos matizes de efeitos de sentido, então não é apenas aconselhável que se sentem à mesa de uma interface. É imperativo. ●

Referências

- BEIVIDAS, Waldir. O Excesso de transferência na pesquisa em psicanálise. *Psicologia. Reflexão e Crítica*, v.12, 1999a. p. 661-679.
- BEIVIDAS, Waldir. Pesquisa e transferência em psicanálise. Lugar sem excessos. *Psicologia. Reflexão e Crítica*, v.12, 1999b. p. 789-796.
- BEIVIDAS, Waldir. A transferência e suas modalizações epistêmicas In: Pacheco Filho, R.A. *et al.* (Orgs.) *Novas contribuições metapsicológicas à clínica psicanalítica*. São Paulo: Cabral Editora Universitária, 2002. p. 85-105.
- BEIVIDAS, Waldir; LOPES, Marcos. Psicanálise e linguística: uma relação mal começada. *Pulsional. Revista de Psicanálise*, São Paulo, Editora Escuta, n. 177, 2004. p. 28-42.
- BEIVIDAS, Waldir. Corpo, semiose, paixão e pulsão. Semiótica e metapsicologia. *Perfiles Semióticos*. Merida (Venezuela): Publicaciones del Rectorado y del GIS.ULA, v. 1, 2004a. p. 43-61.
- BEIVIDAS, Waldir. O sonho de Freud: semiótica do discurso onírico. *Psicologia USP*, v. 15, 2004b. p. 137-16.
- BEIVIDAS, Waldir. Sémiotique du discours onirique : le rêve de Freud. *Langage & Inconscient*, n. 2, p. 9-26, 2006a.
- BEIVIDAS, Waldir. Pulsão, afeto e paixão. Psicanálise e Semiótica. *Psicologia em Estudo*, v. 11, p. 393-400, 2006b.
- BEIVIDAS, Waldir. *Inconsciente & Sentido. Ensaios de Interface: psicanálise, linguística, semiótica*. 1ª ed. São Paulo: AnnaBlume Editora, 2009.
- BEIVIDAS, Waldir. *Inconsciente & Sentido. Ensaios de Interface: psicanálise, linguística, semiótica*. 2ª Edição Revista e Ampliada. São Paulo: AnnaBlume Editora, 2014.
- BEIVIDAS, Waldir. La sémioception et le pulsionnel en sémiotique. Pour l’homogénéisation de l’univers thymique. *Actes Sémiotiques*, v.119, p.1-17, 2016.
- DOSSE, François. *Histoire du structuralisme I. Le champ du signe, 1945-1966*. Paris: La Découverte, 1991.

- FONTANILLE, Jacques ; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e Significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo, Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, São Paulo, 2001.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sémantique structurale. Recherche de méthode*. Paris: Larousse, 1966.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris, Hachette, 1979.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática, 1993.
- JAKOBSON, Roman. *Essais de linguistique générale II. Rapports internes et externes du langage*. Paris: Minuit, 1973.
- LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.
- LACAN, Jacques. Comptes rendus d'enseignement. *Ornicar?* Paris: Navarin, n. 29, 1984. p. 7-25.
- LACAN Jacques. *O seminário. Livro XI. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985a.
- LACAN. Jacques. Petit discours à l'O.R.T.F. *Ornicar?* Paris, Navarin, n. 35, 1985b. p. 7-11.
- MILLER, Jacques-Alain. *Recorrido de Lacan. Ocho conferencias*. Buenos Aires, Editorial hacia el Tercer Encuentro del Campo Freudiano, 1984.
- MILLER, Jacques-Alain. *Psicanálise pura, psicanálise aplicada & psicoterapia*. Phoenix Curitiba: EBP-Del. Paraná, n. 3, 2001. p. 9-43.
- MILLER, Jacques-Alain. O real é sem lei. *Opção Lacaniana*, São Paulo: EBP, nº 34, 2002. p. 7-16.
- MILLER, Jacques-Alain. O último ensino de Lacan. *Opção Lacaniana*, São Paulo: EBP, nº 35, 2003. p. 5-24.
- SCHLACHTER, Lina. *A Verdrängung, a Verwerfung e a Verleugnung: um estudo psicanalítico a partir das modalidades semióticas*. Dissertação de Mestrado em Teoria Psicanalítica. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2005.
- SCHLACHTER, Lina; BEVIDAS, Waldir. Recalque, rejeição, denegação: modulações subjetivas do querer, do crer e do saber. *Ágora*, Rio de Janeiro: PPGTP/UFRJ), v. XIII, 2010. p. 207-227.
- TATIT, Luiz; BEVIDAS, Waldir. Potencialidades da narrativa greimasiana. *Estudos Semióticos*, vol. 14, n. 1, 2018. p. 45-54.

Psychoanalysis and Semiotics: situation in 2020

 BEIVIDAS, Waldir

Abstract: In this text I describe how I capture the interface between Freudian and Lacanian psychoanalyses and Greimassian semiotics nowadays. I focus on how this interface began in the 1960s due to Lacan's opening towards Saussurean structural linguistics back in the 1950s. Here are some of the topics developed in this interface: (i) the Lacanian concept of signifier, in order to determine a suiting position for it among the related concepts of meaning, significance, and effects of meaning; (ii) the drive concept, in an attempt to better shape its developments both in psychopathologies and in human passions, so to draw a generative process of unconscious subjectivity; (iii) both the Freudian concept of transference and the Lacanian concept of subject-supposed-to-know. Hopefully my interpretation of them shall prove useful to expand its incidences by means of the semiotic modal theory. Above all the global purpose of this text is to prevent the interface from fading, acknowledging that what is at stake is the ever challenging task of understanding human subjectivity.

Keywords: psychoanalysis, semiotics, signifier, drive, transference.

Como citar este artigo

BEIVIDAS, Waldir. Psicanálise e Semiótica: situação em 2020. *Estudos Semióticos* [on-line]. Volume 16, número 1. Dossiê temático "Semiótica e Psicanálise". São Paulo, julho de 2020, p. 11-29. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

BEIVIDAS, Waldir. Psicanálise e Semiótica: situação em 2020. *Estudos Semióticos* [online]. Vol. 16.1. Thematic issue: Semiotics and Psychoanalysis São Paulo, July 2020, p. 11-29. Retrieved from: <www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: year/month/day.

Data de recebimento do artigo: 16/01/2020.

Data de aprovação do artigo: 20/02/2020.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons License CC BY-NC-SA 4.0.

